



COM AS PRÓPRIAS MÃOS

O linchamento como maneira de lidar com a criminalidade e a impunidade ganhou destaque na mídia brasileira nos últimos meses. Vários casos foram noticiados em diferentes regiões do país: pessoas que haviam praticado crimes, ou eram apenas suspeitas, foram brutalmente agredidas por grupos hostis. Algumas apanharam até a morte. Foram cenas trágicas; sintomas de um profundo desajuste. O quadro parece retratar uma situação social em que muita gente perdeu a crença no poder do Estado praticar a justiça, o que leva a uma terra sem leis, onde tudo vale.

O problema é que quando as pessoas começam a resolver seus problemas cotidianos com as próprias mãos, a civilização cede à barbárie e inocentes são agredidos pela idiotia coletiva e amorfa. Quando a justiça não impera, prevalece a lei do mais forte, esteja ele com a razão ou não. Além disso, o algoz de hoje pode ser a vítima de amanhã. Quem tem o direito de julgar e condenar o outro se não a Justiça?

E nas organizações, será que esse fenômeno também se manifesta? Desde a Revolução Industrial, trabalhadores se utilizam da sabotagem como forma de mostrar sua insatisfação com as condições de trabalho. A literatura mostra a existência

de todo tipo de sabotagem como estratégia de resistência por parte das pessoas contra o poder das empresas: máquinas são quebradas, procedimentos descumpridos, piadas são feitas para desmoralizar chefes, e tantas coisas mais. É claro que esse

tipo de ação de resistência não pode ser equiparado ao linchamento de um suposto criminoso, mas alguma similaridade pode ser vista no fato de que, em ambos os casos, faz-se uso da força para lidar com situações em que não há mediação nem diálogo. A força surge quando não há espaço para a civilização.

Empresas são entes extremamente poderosos que, na maioria dos casos, subjugam as pessoas e chegam a tentar controlar as suas vidas, como já mostrou nos anos 1980 o livro *O poder das organizações*, de Max Pagés e coautores. Muitas submetem os funcionários à violência pelas metas e pelas cobranças absurdas, e as pessoas, então, apelam para o uso das próprias mãos como resposta às agressões perpetradas. O paralelo entre o linchamento e o mundo corporativo parece claro: o diálogo precisa

vencer a barbárie da dominação e da terra sem lei, na rua e nas organizações. Para tanto, a mudança social necessária começa pela mudança das empresas, pela alteração da maneira como tratam os seus colaboradores.

O PARALELO ENTRE
O LINCHAMENTO
E O MUNDO
CORPORATIVO
PARECE CLARO:
O DIÁLOGO PRECISA
VENCER A BARBÁRIE
DA DOMINAÇÃO
E DA TERRA SEM
LEI, NA RUA E NAS
ORGANIZAÇÕES